

Olhares ibéricos sobre Magalhães no séc. XXI. Gonçalo Cadilhe (2008) e José Manuel Núñez de la Fuente (2019)*

MARIA DE FÁTIMA GIL
Universidade de Coimbra

Resumo

A celebração do quinto centenário da primeira viagem de circum-navegação desencadeou, desde o início do século XXI, um renovado interesse por tal feito histórico e deu ensejo a novas oportunidades de conjugação da Literatura com a História. Como se sabe, o diálogo fluido e contínuo entre estes dois sistemas de representação tem dado origem a uma panóplia muito variada de géneros narrativos híbridos. Os textos de carácter biográfico que me proponho analisar são exemplos de tal hibridismo: se, por um lado, estão bem ancorados em dados históricos, por outro lado compõem a representação textual de Magalhães através de meios literários – e estes, que não se ficam apenas pelo nível do discurso, são muito diversos nas duas obras. O meu trabalho pretende evidenciar o diferente modo de construção da *faction* biográfica em ambas as narrativas, mostrando como a semantização das estruturas hibridizadoras contribui eficazmente para a preservação da figura e da aventura magalhânica na memória cultural do século XXI.

Palavras chave: Gonçalo Cadilhe, José Nuñez de la Fuente, Magalhães, biografia, modos de representação da memória

Abstract

Since the beginning of the 21st century, the celebration of the fifth centenary of the first circumnavigation has sparked renewed interest in this historic feat and given rise to new opportunities for combining literature and history. As we know, the fluid and continuous dialogue between these two systems of representation has given rise to a wide variety of hybrid narrative genres. The biographical texts I intend to examine are examples of such hybridity: if, on the one hand, they are well anchored in historical data, on the other they make up the textual representation of Magellan through literary means – and these, which are not limited to the level of discourse, are very different in the two works. My work aims at highlighting the different ways in which the biographical faction is constructed in both narratives, showing how the semantization of hybrid structures contributes effectively to the preservation of the Magellanic figure and adventure in the cultural memory of the 21st century.

Keywords: Gonçalo Cadilhe, José Nuñez de la Fuente, Magalhães, biography, modes of memory representation



* Uma versão preliminar deste estudo foi apresentada ao *Coloquio Magallánico*, realizado na Universidade de Playa Ancha (Chile), em Dezembro de 2021. O texto foi, entretanto, aprofundado e actualizado, e virá a conhecer aqui a sua primeira publicação.

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04059/2020 com o identificador DOI <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>. This work was supported by national funds through FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., under the project reference UIDB/04059/2020 and DOI identifier <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>.



1. INTRODUÇÃO

A prática social e discursiva que designamos como Literatura conheceu, no último quartel do séc. XX, um alargamento sem precedentes. Não apenas foram acolhidos neste complexo sistema simbólico textos que até então o não integravam – como os relatos de viagem –, mas também outras formas de textualização do Humano passaram a ser olhadas à luz de arquétipos literários. Veja-se o exemplo da historiografia, que, nesses anos e pela mão de Hayden White (1973), historiador e teórico da História, foi confrontada com a sua proximidade intrínseca à criação literária – o que, naturalmente, gerou uma enorme controvérsia. Não pretendo retomar essa polémica – de resto, já ultrapassada¹, mas, se uma das características da nossa ‘modernidade líquida’ (Bauman, 2000) reside no seu hibridismo, considero ser precisamente nas formas literárias híbridas que a percepção do nexos tensional entre Literatura e História se revela mais interessante.

Com esta asserção, não me refiro tanto à licença ficcional que assiste à Literatura no tratamento de temas históricos. Consabidamente, tal liberdade declina-se desde o século XIX em variadíssimos subgéneros, que vão do romance histórico tradicional àquela combinação narrativa entre factos e ficção a que chamamos *faction*². Refiro-me, antes, à semantização de certos procedimentos narrativos³, que estão vedados à História pelas convenções científicas e discursivas desta área do conhecimento. Tais estratégias permitem muitas vezes à Literatura representar figuras e factos históricos com maior verosimilhança e impacto sobre o leitor do que a historiografia, sem, contudo, abdicar dos dados históricos conhecidos. É desse hibridismo que falo – e as duas representações de Magalhães que pretendo apresentar configuram-se, cada uma a seu modo, como bons exemplos. Trata-se de *Nos Passos de Magalhães. Uma Biografia Itinerante* (2008), do escritor português Gonçalo Cadilhe, e de *Diario de Magallanes. El hombre que lo vio y anduvo todo* (2017), do historiador e antropólogo espanhol José Manuel Núñez de la Fuente, a que tive acesso na tradução portuguesa, intitulada *Diário de Fernão de Magalhães. O homem que tudo viu e andou* (2019).

Não foi, todavia, exclusivamente pelo seu carácter híbrido que optei por analisar estas obras, das muitas que têm sido dadas à estampa sobre o circum-navegador. Escolhi-as também pela origem dos seus autores, ou seja, por um certo olhar alicerçado nos dois países de onde partiram as viagens quinhentistas dos Descobrimentos. Lembro que o sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2007), por exemplo, a propósito do olhar europeu sobre o mundo nos séculos XV e XVI, fala de uma ‘linha abissal’ que terá marcado essa época e que, em seu entender, continua a dominar a percepção do Norte sobre o Sul Global. Ora o ângulo de visão tanto de Cadilhe, como de Núñez de la Fuente encontra-se geograficamente situado do lado de cá dessa partição territorial e deve ser ponderado, porque constitui num elemento importante da sua respectiva identidade e tem, naturalmente, consequências para o modo de representação.

Por último, pesou ainda na minha escolha uma curiosa semelhança dos percursos de Cadilhe e Núñez de la Fuente no que a Magalhães diz respeito. Gonçalo Cadilhe, auto-denominado ‘escritor-viajante’ e o mais reconhecido dos escritores de viagem portugueses, ocupa um lugar de destaque no panorama editorial luso, a ponto de vários dos seus relatos de viagem terem passado a constar do Plano Nacional de Leitura para o Ensino Secundário. Entre as obras de sua autoria recomendadas no âmbito desta iniciativa estatal, conta-se precisamente *Nos*

¹ Sobre a polémica entre historiadores e teorizadores literários, cf., por exemplo, Gil, 2008: 40-50.

² Sobre a *faction* cf., por exemplo, Birch (ed.), 2009: 2740; Cuddon, 2013: 266.

³ O conceito de semantização de estratégias narrativas exprime a ideia de que “processos e estruturas de representação literária funcionam como portadores autónomos de significado e podem desempenhar um papel central na atribuição de significado pelo destinatário” (Nünning, 2013: 684; a tradução é de minha responsabilidade).

Passos de Magalhães. O livro tem por base um conjunto de crónicas vindas a lume no respeitado semanário português *Expresso*, entre 2007 e 2008, e é fruto de um périplo pelos lugares do navegador, que Cadilhe propôs àquele jornal e que deu ainda origem a um documentário televisivo. Quanto ao historiador e antropólogo José Manuel Núñez de la Fuente, foi fundador e secretário-geral da Rede Mundial das Cidades Magalhânicas, coordenou a candidatura da “Rota de Magalhães-ElCano” a Património Mundial da Unesco, integrou a Estrutura de Missão para as Comemorações do V Centenário da Circum-Navegação – criada em 2017 pelo governo português – e ainda a Comissão Científica dos XVI e XVII Simpósios de História Marítima, organizados pela Academia de Marinha, em Lisboa, respectivamente em 2019 e 2022. Além disso, realizou para televisão uma série documental intitulada *El Testamento de Adán* (1991), sobre as viagens marítimas espanholas do séc. XVI, no âmbito da qual refez o itinerário de Magalhães-Elcano num veleiro, ao longo de dois anos, dando depois à estampa a obra *Diario de Magallanes*.

A coincidência entre o percurso magalhânico dos dois autores exprime-se, portanto, em vários aspectos – as viagens, os documentários, os livros – e estende-se igualmente aos objectivos que norteavam os seus volumes aqui em apreço. Dando voz ao olhar situado de que falei acima, tanto Cadilhe como Núñez de la Fuente pretendiam homenagear a figura de Magalhães e destacar a empresa inaudita da circum-navegação, numa época em que a Europa se lançava à descoberta do mundo. Escreve Cadilhe⁴:

Fundamental neste livro foi (...) recordar aos portugueses (...) a importância de Fernão de Magalhães na História Universal. Recordar o seu contributo para várias disciplinas do saber europeu, a sua responsabilidade na determinação da verdadeira dimensão do mundo, a sua figura pioneira no encontro de culturas e civilizações e, por fim, recordar a tremenda qualidade heróica e épica da sua figura (...). (NPM: 11-12)

Escreve Núñez de la Fuente no final do prefácio à edição portuguesa⁵:

Este livro, que foi publicado no âmbito da comemoração do Quinto Centenário da extraordinária façanha de Fernão de Magalhães, pretende exactamente render uma merecida homenagem a uma época sem igual (...). Magalhães emergiu entre a Idade Média e o Renascimento como um novo Prometeu que soube vencer as reticências e reservas de uma mentalidade ainda receosa para lograr atingir objectivos nunca antes alcançados. (DFM: 16)⁶

Todavia, se a admiração que ambos os autores nutrem pela personagem histórica e pelo seu feito é manifesta, já os meios de que se servem para a representação textual são muito diversos.

⁴ As citações e referências à obra serão indicadas com a sigla *NPM*, seguida das páginas em questão.

⁵ Também neste caso, as citações e referências à obra serão indicadas com uma sigla – *DFM* –, seguida das páginas em questão.

⁶ Note-se que este final diverge daquele que encontramos no prefácio da edição original (2017). Núñez de la Fuente encerra a versão em espanhol com um episódio que terá ocorrido no Chile, quando ele navegava pela rota de Magalhães. Perguntando ao capitão de um navio-fábrica o que teria feito Magalhães se tivesse vivido no nosso tempo e com acesso à nossa tecnologia, aquele ter-lhe-á respondido que Magalhães teria ido à lua, mas não pelos meios normais: teria ido de asa delta. Núñez de la Fuente conclui que tal resposta revela a imagem que ficou de Magalhães na história universal: “Um hacedor de lo imposible” (Núñez de la Fuente, 2017: 26).

2. GONÇALO CADILHE: NOS PASSOS DE MAGALHÃES

Atentemos, em primeiro lugar, na obra de Cadilhe⁷. *Nos Passos de Magalhães*, que o autor baptiza, no subtítulo, com a feliz expressão *Biografia Itinerante*, constitui um texto genologicamente misto, que funde relato de viagem ou *travelogue* com escrita (auto-)biogrfica⁸. Sabemos que todas as biografias deixam transparecer uma certa dose de autobiografia, mas a singularidade desta narrativa sobre a vida do navegador reside no facto de, a pretexto da viagem, o presente do biógrafo ganhar a mesma relevância que o passado magalhânico.

Tal característica vem confirmar algumas observações de Manfred Pfister, estudioso alemão do drama e da literatura de viagem. Este acadmico sublinha que as biografias tradicionais tendem a escamotear a jornada dos autores na busca das pistas dos biografados, ao passo que nesta variante do *travelogue* os biógrafos transformam as suas próprias diligências em objecto de análise e/ou em princípio de organização textual (Pfister, 2006: 22)⁹. No livro de Cadilhe, o elemento fortemente autocentrado manifesta-se quer através do olhar contemporâneo sobre os lugares do navegador, quer através da estruturação interna dos capítulos. Relativamente ao primeiro aspecto, Maria de Fátima Gil, num estudo sobre esta obra do ‘escritor-viajante’ português, frisa a circunstância de Cadilhe acentuar que esses locais “são e não são os lugares de Magalhães”, pois agora estão integrados numa lógica social diferente, deixaram muitas vezes de ser *lugares antropológicos* (Aug, 2012) e passaram a desempenhar o papel de atracções turísticas na era da globalização (Gil, 2016: 177-178). No que toca ao segundo aspecto, esta estudiosa volta a salientar a importância do presente como ponto de partida na organização dos capítulos: por norma, estes iniciam-se com um episódio vivido pelo biógrafo-narrador nos locais visitados; da oposição que se estabelece entre a actualidade e o passado nasce a possibilidade de referir a presença de Magalhães; no final de cada capítulo regressa-se ao tempo presente, ao autor-viajante e aos seus jzos pessoais (Gil, 2016: 180).

Em *Nos Passos de Magalhães*, o presente serve, então, de ancoragem  narrativa, cabendo-lhe o papel pós-moderno de descentrar a História, e ainda – beneficiando de conhecimentos posteriores aos da época do navegador – o papel de criar novas conjugações de sentido, quer sobre o passado, quer sobre a contemporaneidade global (Gil, 2016: 186). Isto porque também o passado interfere no presente. Como nota Gil, o passado permite estabelecer comparações que contrapõem, por exemplo, “a afoiteza dos portugueses de antanho  falta de ousadia dos seus descendentes, ou apontam as diferenças entre o contacto inicial com o Outro e algumas construções contemporâneas e massificadas da alteridade” (Gil, 2016: 186).

A este propósito, justifica-se lembrar a teoria que a investigadora alema Astrid Erll desenvolveu, no âmbito dos estudos de memória cultural, sobre aquilo que designa como ‘retórica da memória colectiva’. Partindo da ideia de que a construção da memória cultural através da literatura está indissociavelmente ligada aos procedimentos retóricos utilizados, Erll (2003: 145-151; 2005: 267-271) distingue quatro diferentes modos de configuração, sublin-

⁷ Para uma análise mais detalhada deste livro de Gonçalo Cadilhe, veja-se Gil, 2016.

⁸ Carl Thompson, conhecido especialista de literatura de viagem, define *travelogue* como “the first-person, ostensibly non-fictional narrative of travel” (Thompson, 2011: 26). Sobre o assunto, cf. também Thompson (ed.), 2016; Pfister, 2016; Pedroni, 2023: web.

⁹ Segundo Pfister, o primeiro texto deste tipo terá sido *Quest for Covo* (1934), de Alphonse James Albert Symons, mas só meio século mais tarde o biógrafo Richard Holmes viria a definir o novo modelo de biografia como “a kind of pursuit, a tracking of the physical trail of someone’s path through the past, a following of footsteps” (*apud* Pfister, 2006: 25).

hando, porém, que eles surgem muitas vezes articulados entre si: trata-se do ‘modo experiencial’, do ‘modo monumental’, do ‘modo antagonista’ e do ‘modo reflexivo’¹⁰. Este último verifica-se quando a obra literária possibilita uma auto-observação cultural (Erll, 2003: 149), através, por exemplo, da metaficção ou da reflexão sobre os processos da memória colectiva (Erll, 2005: 269). A meu ver, *Nos Passos de Magalhães* ilustra cabalmente o modo reflexivo, pois configura-se como um procedimento especulativo de construção da memória cultural, evidente no processo de observação de segundo grau, distanciada, crítica e reconfiguradora, que caracteriza a obra.

Mas o hibridismo ontológico do livro de Gonçalo Cadilhe não se revela apenas na conjugação reflexiva e dialéctica entre passado e presente. O volume mostra-se além disso singular por se aproximar do ‘método postal’, de que fala a estudiosa alemã Sigrid Weigel (2002) quando analisa a renovação do género biográfico. Weigel explica esse procedimento em sentido literal, ou seja, pretende-se apresentar o biografado como se ele enviasse bilhetes-postais da sua época e das várias tessituras históricas, sociais, económicas, etc. que integra. A vantagem de tal método reside em permitir que o sujeito biografado, ao contrário do que acontece nas biografias tradicionais, se revele na sua disjunção e até incoerência. Citando de novo Maria de Fátima Gil, que chamou a atenção para este aspecto no seu estudo, podemos dizer que o volume *Nos Passos de Magalhães* se constitui

como uma série de verdadeiros postais ilustrados, tanto da vida de Fernão de Magalhães, como da vida de Gonçalo Cadilhe. Este escreve-os – e, na verdade, envia-os para o *Expresso* – dos lugares por onde passou Magalhães, evocando a intrincada figura do nauta e a sua excepcional importância, ao mesmo tempo que expõe, com humor e sensibilidade, o diálogo intercultural, ora mais padronizado, ora mais personalizado, que é possível estabelecer na pós-modernidade, numa viagem à volta do planeta global. (Gil, 2016: 186)

O olhar de Cadilhe é, sem dúvida, o de um português orgulhoso da sua História, que rejubila com o feito do seu compatriota e com os sinais da cultura lusa ainda dispersos pelo mundo. Mas esse olhar distingue-se igualmente pela aceitação da diferença, pela empatia com o Outro num mesmo patamar de igualdade e, acima de tudo, por uma grande capacidade crítica, tanto dos desmandos cometidos no passado, como das circunstâncias que influenciam a época contemporânea¹¹. Daqui resulta uma forte dimensão comentadora sobre a identidade e a alteridade – e esse plano de reflexão e auto-comentário de natureza política, sem cair nas armadilhas de um pós-colonialismo esquemático, leva a que a obra acabe por não ficar refém da ‘linha abissal’ de que trata Sousa Santos. A superação dessa divisória ideológica, *i.e.*, a ponderação analítica quer do orgulho de ser português, quer das limitações passadas e presentes desse ‘ser português’ na ligação com o Outro, encontra-se, por exemplo, plasmada no capítulo “Inauguração de Goa” (NPM: 49-52), de que, a título ilustrativo, cito apenas o trecho final:

¹⁰ Erll, na sua primeira obra, designa também o ‘modo experiencial’ como ‘comunicativo’ e o ‘modo monumental’ como ‘cultural’, recorrendo à diferenciação que Jan Assmann propõe entre ‘memória comunicativa’ – ou seja, a representação do passado próximo, que abrange três ou quatro gerações –, e ‘memória cultural’ – ou seja, a representação do passado mais remoto, transmitido por configurações institucionais de cultura, como textos, monumentos ou rituais de celebração, entre outros. Cf. Erll, 2003: 148; Assmann, 1995: 127-129; Assmann, 2000 [1992]: 50-51.

¹¹ Gil (2016: 182), aponta disso dois exemplos no capítulo “O Gosto do Sangue” (NPM: 35-39): Cadilhe nunca escamoteia a violência da expansão portuguesa no Índico e insurge-se contra construções da memória que aí chamam agora às peijas dos portugueses com os povos autóctones, por razões económicas e turísticas, ‘diálogo’ ou ‘encontro cultural’.

Para aqueles que nasceram há quatro séculos em Malaca e continuam portugueses no sangue dos tetranetos de hoje, ou para os que residem há 300 anos no Recife, para os que nasceram há 50 anos em Panjim, há 40 anos na Ilha de Moçambique ou há 20 anos em Macau, para todos estes portugueses, Lisboa não terá o mesmo valor que para mim. É fácil imaginar que necessitam de uma capital menos exclusiva, menos oficial, menos europeia. Precisam, e nós também, de uma capital menos branca, menos «caucasiana», mais «humana», mais universal. Como esta capital [Goa] inaugurada por Albuquerque e pela geração de Magalhães, entre delírios de sangue e sonhos de cruzada. (NPM: 52)

3. NÚÑEZ DE LA FUENTE: *DIÁRIO DE FERNÃO DE MAGALHÃES*

Se Gonçalo Cadilhe equaciona a relação entre a História e a Literatura distanciando-se da forma que tradicionalmente caracteriza o género da biografia literária, José Núñez de la Fuente equaciona essa relação distanciando-se da forma que habitualmente caracteriza a biografia histórica.

Contudo, à primeira vista, o livro *Diário de Fernão de Magalhães* organiza a informação numa estrutura que também poderíamos encontrar em manuais de História académica. O registo diarístico atribuído a Magalhães ocupa o centro do volume e desenvolve-se em 29 segmentos, precedidos por uma introdução e encimados por títulos de natureza comentadora da responsabilidade de Núñez de la Fuente (DFM: 87-218). Anteposto a este núcleo, acha-se um capítulo de contextualização geopolítica, intitulado “Questões preliminares”, que, entre outros aspectos, trata da rivalidade europeia na disputa marítima pelas especiarias e resume o percurso de Magalhães até ao encontro com Carlos I em Valhadolid (DFM: 31-86). A terceira parte, após o diário, desdobra-se em quatro capítulos autónomos, mas constitui uma unidade, visto que relata as atribulações da Armada das Molucas depois da morte de Magalhães e expõe o destino de várias outras figuras ligadas ao navegador (DFM: 221-280). A fechar, surge uma curta apreciação geral, em forma de “Epílogo” (DFM: 283-284).

O volume acrescenta ainda a este ordenamento tripartido uma secção de anexos, igualmente expectável numa monografia de História. No primeiro desses complementos, intitulado “Apêndice documental” (DFM: 287-396), transcrevem-se registos históricos relacionados com Magalhães e com a sua viagem; no segundo, sob o título “Considerações de interesse” (DFM: 397-402), Núñez de la Fuente debruça-se sobre questões à época incompreensíveis para os mareantes – e talvez também para os leitores actuais –, como a perda de um dia na viagem para ocidente ou a morte pela doença que viria a designar-se escorbuto¹². Esta parte final encontra correspondência no início do volume, numa série de capítulos introdutórios que surpreendem pela profusão. Com efeito, as primeiras páginas oferecem quatro diferentes textos, nos quais Núñez de la Fuente pretende preparar o leitor para o que irá encontrar de seguida. Nesses intróitos, começa por justificar a obra, rotulando o navegador como novo Prometeu e sublinhando a novidade e autenticidade do diário (DFM: 15-16); transcreve depois testemunhos de prestigiados autores, de vários séculos e nacionalidades, que sustentam o seu empreendimento ao não deixarem dúvidas sobre a dimensão inaudita da façanha magalhânica (DFM: 17-20); no terceiro texto, adopta o *topos modestiae* característico de muitos exórdios, depreciando o seu talento para a escrita, mas pedindo “a generosa indulgência [dos leitores] (...) por quanta verdade se diz” no livro (DFM: 21)¹³. A encerrar este multifário conjunto, o capítulo intitulado “Introdução” (DFM: 23-27) esboça o percurso biográfico do navegador e condensa

¹² A preocupação com os leitores da actualidade espelha-se também na inclusão de um “Glossário básico de terminologia náutica”, que surge depois da bibliografia e antes do índice remissivo (DFM: 407-408).

¹³ Estes três primeiros textos intitulam-se respectivamente “Prefácio”, “Louvores a Magalhães e à Primeira Volta ao Mundo”, “Ao leitor”.

as negociações ibéricas sobre a posse do território das Molucas, não sendo, portanto, de estranhar que algumas das informações aqui transmitidas reapareçam, sob diferentes roupagens, noutros momentos do livro.

Com todos estes capítulos, Núñez de la Fuente cria uma moldura paratextual inusitada em historiografia, envolvendo o núcleo diarístico numa construção concêntrica, que nos parece até semelhante a uma esfera armilar¹⁴. Mas sublinhe-se que tanto o teor e o arranjo dos textos, por um lado, como a validação através de documentos, por outro, pretendem reforçar a impressão de competência e de fiabilidade histórica do conhecimento transmitido.

Tal propósito exprime-se logo desde a badana do volume, pois o autor apresenta-se aí como historiador e mentor de projectos diversos ligados a Magalhães e à circum-navegação – que parece conhecer como poucos. Além disso, não por acaso, Núñez de la Fuente menciona o afã de pesquisa própria em arquivos e bibliotecas de todas as latitudes. Dirigindo-se explicitamente ao leitor, escreve:

Deve saber que levo uma boa parte da minha vida dedicada ao estudo e à divulgação da primeira circum-navegação terrestre e da figura histórica do grande explorador e navegante Fernão de Magalhães. Este labor, por vezes obsessivo, fez-me seguir as pegadas do navegador por todo o Planeta (...). Obsessão que também me permitiu aceder aos documentos e materiais que guardam a memória escrita e visual do sucedido, segundo atestam as crónicas nas bibliotecas, museus e arquivos públicos e privados de Espanha e Portugal, bem como do Chile, Argentina, Brasil, Filipinas, Itália e EUA. (DFM: 93)¹⁵

Torna-se claro que a estratégia persuasiva do livro se baseia nessa afirmação de saber e autoridade: no contexto idóneo construído de tal forma, parece não haver razões para pôr em causa Núñez de la Fuente, quando ele alega ter encontrado os papéis escritos pelo punho de Magalhães (DFM: 95).

Lembremos, todavia, que o autor, embora licenciado em História e certamente muito bom conhecedor de todas as fontes sobre Magalhães, deve também ser visto como um fervoroso admirador da vida do nauta e como alguém que, enquanto responsável por documentários históricos para televisão, sabe criar, de modo credível e eficaz, formas populares de preservação e difusão do passado. Por certo, Núñez de la Fuente comporta-se amiúde como historiador, em particular quando referencia os documentos que transcreve no “Apêndice Documental” (DFM: 290-395)¹⁶, ou quando discute as probabilidades históricas da elaboração do diário (DFM: 91-95), ou ainda quando reproduz o manuscrito como material primário. Mas, embora afirme que decidiu publicá-lo “para maior proveito aos estudiosos ou para mero deleite histórico dos leitores com predileção dobre o tema” (DFM: 95), a suspeita sobre a existência do documento, curiosamente, vem a ser insinuada pela mão do próprio autor. Que ele

¹⁴ Fazer lembrar a estrutura de uma esfera armilar é, de resto, muito adequado para um livro sobre Magalhães e o feito que ajudou a questionar muitos ensinamentos da astronomia ptolomaica.

¹⁵ Já anteriormente, a propósito do acordo financeiro do casamento entre Magalhães e Beatriz Barbosa, o autor aludira à sua actividade de investigador, mencionando as actas do escrivão de Sevilha sobre o assunto e acrescentado “tal como eu as vi e consultei” (DFM: 66).

¹⁶ Na maioria das vezes, os testemunhos coevos que vai citando na narrativa – de Frei Bartolomé de las Casas a Gómez de Espinosa, passando, naturalmente, por António Pigafetta, entre outros – são identificados apenas com o nome dos respectivos autores e não com as obras de onde foram retiradas as citações. Na “Bibliografia”, porém, constam alguns dos títulos em causa. Além disso, um conhecedor da gesta de Magalhães reconhecerá aí a importante documentação publicada por ilustres estudiosos – por exemplo, Martín Fernández Navarrete (1842), Diego de Barros Araña (1864), ou José Toribio Medina (1888 e 1920) – a quem Núñez de la Fuente faz questão de prestar homenagem (DFM: 288).

sublinhe no curto exórdio ao diário o “trabalho de restauro meticuloso e [...] interpretação laboriosa de passagens danificadas por cortes e rasuras, quando não estavam simplesmente esborratadas ou queimadas” (DFM: 95), pode já pôr de sobreaviso o leitor mais atento, por convocar um motivo frequente em histórias de piratas e aventureiros. Que, além disso, se recuse a explicitar as circunstâncias e o local da descoberta, por se encontrar vinculado a uma promessa que nunca trairia (DFM: 95), parece ainda mais estranho – e romanesco. Invocando a improbabilidade do acontecido, o autor conclui, dizendo:

Deste modo, amigo leitor, pode pensar livremente o que lhe aprouver, que se encontra perante o autêntico legado de Magalhães ou que simplesmente segura nas mãos uma engenhosa aventura literária sobre a maior gesta da História, mais ou menos acertada, surgida da imaginação transbordante de um devoto magalhânico inveterado. (DFM: 95)

Como é óbvio, Núñez de la Fuente joga propositada e espirituosamente, com os seus leitores, um exercício de ocultação e revelação, que se distancia dos padrões de referencialidade da historiografia académica. O diário, afinal, pode ser aquele expediente gerador de verosimilhança que a Literatura utiliza desde Cervantes e que consiste na alegada descoberta e publicação de papéis escritos pelo próprio protagonista. Sabemos que a ciência histórica também recorre a diários, a cartas e a outros documentos pessoais, mas os sujeita sempre a uma rigorosa avaliação crítica e ao pressuposto da verificação (Popkin, 2005). Por isso, o simples facto de não ser possível confirmar a existência do diário de Magalhães afasta a obra de Núñez de la Fuente da historiografia e remete os leitores para a forma de preservação da memória cultural que designamos *faction*.

A estratégia adoptada revela-se, então, de ordem literária e até mais convencional do que a de Gonçalo Cadilhe: consiste em criar a ficção do diário de Magalhães e em semantizar essa ficção como elemento legítimo de um largo aparato de credibilização historiográfica. Chamando de novo à colação o modelo proposto por Astrid Erll sobre a retórica da memória colectiva, a obra de Núñez de la Fuente constitui um bom exemplo do que ela chama ‘modo monumental’. Segundo Erll (2005: 268-269), esta variante distingue-se pelo decalque de formas tradicionais de legitimação do sentido histórico – como a história nacional, o mito ou a escrita diarística – e configura-se como suporte tradicional e vinculativo de criação de sentido. O livro *Diário de Fernão de Magalhães* concretiza paradigmaticamente tal matriz, preservando a cultura como monumento. Mesmo o conjunto de imagens que ilustram o volume reforça este aspecto: enquanto Cadilhe recorre sobretudo a fotografias do presente – das gentes, das paisagens, dele próprio nos locais em causa –, Núñez de la Fuente reproduz mapas antigos, retratos e reconstituições pictóricas coevas do empreendimento magalhânico. De tudo isto dimana a concentração no mito e na perspectiva ocidental dos Descobrimentos, pelo que parece lícito afirmar que o volume de Núñez de la Fuente, ao contrário do de Cadilhe, permanece ideologicamente do lado de cá da ‘linha abissal’ a que Sousa Santos faz referência.

4. MAGALHÃES

Neste meu estudo, resta ainda uma pergunta derradeira: como se configura Magalhães nos dois livros? Será que a imagem do navegador é idêntica nas duas obras? Por um lado, podemos considerar que sim, pois ambas frisam a desmesura do feito que o mareante levou a cabo e sublinham, na figura, a coragem, a determinação, o poder de planeamento, o génio náutico, a fé, a tolerância com os nativos, a actuação política de longo prazo e a morte inglória. Mas, por outro lado, tal imagem apresenta diferenças significativas, em razão do modo diverso como os dois volumes configuram o passado.

Assim, Gonçalo Cadilhe ancora toda a exposição, formal e tematicamente, no nosso presente, olha o protagonista a partir das informações por vezes contraditórias dos documentos conhecidos, e mostra um Magalhães complexo, com traços positivos, mas também negativos. Por um lado, ele é um indivíduo com “um sentido do dever, uma lealdade à palavra dada e um altruísmo fora do comum” (NPM: 51), um soldado cuja bravura “no assalto a Malaca é mencionada numa crónica da época” (NPM: 56)¹⁷, ou “o responsável pela introdução do catolicismo nas Filipinas” (NPM: 150). Por outro lado, é o capitão-general que “não hesita em capturar quatro «exemplares» de patagões” recorrendo à astúcia (NPM: 118), ou que, depois de rechaçar das naus os nativos da “Ilha dos Ladrões”, “irritado, não se dá por satisfeito. No dia seguinte, envia um grupo de homens a punir os «índios» e a recuperar os haveres europeus” (NPM: 141). Por fim o nauta simboliza também “a figura do colonizador ocidental que chega a um país que já existe e diz que o descobre” (NPM: 150). Por outras palavras, o Magalhães de Gonçalo Cadilhe revela-se um paradoxo: “Magalhães, figura solar e figura negra da História das Filipinas?” (NPM: 150), questiona-se o autor a dada altura, em modo de pergunta retórica.

Além disso, para se referir à personalidade, aos pensamentos e aos desígnios de Magalhães, Cadilhe lança mão de fontes por vezes contraditórias e utiliza sempre frases dubitativas, características dos biógrafos contemporâneos, que marcam a distância – em última análise inultrapassável – entre biógrafo e biografado, *i.e.*, entre o que se conhece sobre a figura e o que não se sabe, mas se arrisca conjecturar¹⁸. Veja-se, a título de exemplo, no capítulo sobre a morte do nauta, o trecho introdutório, que constitui uma verdadeira reflexão de índole metabiográfica sobre a impossibilidade de captar plenamente o Outro biografado:

O perfil psicológico de Fernão de Magalhães resulta de meras conjecturas. Ninguém sabe realmente como era ele por dentro. Sabemos bastante do que fez na vida, mas pouco das razões e motivações por que o fez. Os seus biógrafos modernos arriscam um retrato baseado nas reacções que teve, nas decisões que tomou, nas brevíssimas descrições que os cronistas da época deixaram dele, mas não do que ele contou de si próprio. [...]

Da nebulosa de suposições das biografias disponíveis transparece um homem comedido, prudente, sagaz e pragmático [...] um mestre na arte da sobrevivência. Com tudo isto, torna-se indecifrável a acumulação de erros que conduz ao massacre de Mactan. [...] Como foi possível juntar tantos erros numa única acção bélica? [...] Queria o capitão-general provar definitivamente a todos os filipinos a força do cristianismo e da cultura europeia, derrotando o último oponente à conversão e à colonização? Achava-se invulnerável, depois de tantos sucessos na condução da armada ao longo da metade desconhecida do mundo? (NPM: 161-162)

Ao contrário da estratégia mediadora de Gonçalo Cadilhe, Núñez de la Fuente traz-nos a voz do próprio Magalhães numa autobiografia fictícia, supostamente escrita aquando dos acontecimentos. Os alegados ‘papéis de Magalhães’ fazem dele uma figura muito positiva: revelam-no seguro de si e do seu desígnio, muito devoto e compassivo, inteligente e honrado,

¹⁷ Como noutros momentos do texto, Cadilhe indica em nota de rodapé a fonte em que se apoia para tal afirmação. Aqui, trata-se da obra de Tim Joyner, *Magellan* (1992), que, neste particular, se reporta ao cronista António de Herrera (NPM: 183).

¹⁸ Cadilhe serve-se de um largo aparato bibliográfico, que, para além de fontes primárias como o relato de Antonio Pigafetta, e também de obras literárias e de divulgação, como as biografias de Stefan Zweig ou de Tim Joyner sobre Magalhães, recorre a investigação historiográfica muito recente e em várias línguas; cf. a secção “Bibliografia”, no final do volume (NPM: 193-194).

mas também torturado pelos obstáculos que injustamente lhe levantam e a que consegue responder com a ousadia naval da viagem às Molucas. Não é, todavia, apenas o que Magalhães conta e o que revela de si que cativa os leitores. De facto, o diário encontra-se brilhantemente redigido, com um léxico e uma sintaxe arcaizantes, que resultam muito convincentes. Tome-mos, como exemplo, um passo da travessia do Estreito que Núñez de la Fuente põe na pena de Magalhães – precisamente aquele em que o navegador, embora se mostre compungido face ao sofrimento e desencanto dos seus marinheiros, apresenta a sua decisão de prosseguir contra tudo e todos, ao mesmo tempo que emprega o que poderíamos chamar psicologia das massas e logra os seus intentos:

Sentia grande pena por ver a marinhagem muito pesarosa ao não saber onde estávamos, pois nestas latitudes nunca andou viajante algum nem alguém ousou navegar aquelas águas, nem sequer podíamos averiguar onde alcançaríamos por aquele canal e se acaso poderíamos desembocar da angustura patagónica. Entrementes, singrávamos lentamente à vista de umas montanhas tão grandes e negras que nunca antes víamos nada igual, as quais se cruzavam de parte a parte simulando encerrar a passagem por todos os lados. Logo depois, sabendo como o medo se cura com o espanto, fiz ver aos homens que estava disposto a seguir até onde conviesse para descobrir a saída para o outro mar, e que, se não se encontrasse, tomaríamos a volta até alcançar os 75 graus de sul, nem que para tal tivéssemos de desaparelhar as naus e morrer todos no intento. Mas asseverei que, se não se encontrasse desta forma, singraríamos para este pelo caminho dos portugueses, passando o cabo da Boa Esperança. Com o ânimo das gentes avivado, mandei vogar pelo rumo noroeste e ainda pelo norte limpo. (DFM: 199)

Os recursos estilísticos utilizados por Núñez de la Fuente, possibilitando o acesso directo aos pensamentos e posições do protagonista e dando a ver os factos apenas da sua óptica, incentivam uma forte empatia com a figura. Os leitores, cientes do mundo interior do nauta, informados da sua morte inglória e orientados pelos vários textos preambulares e pelos comentários encomiásticos de Núñez de la Fuente ao longo da obra, são, deste modo, levados a valorizar Magalhães muito mais intensamente como herói límpido, mítico e trágico.

5. CONCLUSÃO

Aproximo-me do final da análise sobre como se concretiza, nestes dois olhares ibéricos sobre Magalhães, a relação sempre complexa e fluida entre História e Literatura. A minha tese era a de que o hibridismo que caracteriza as duas obras não se revela apenas do ponto de vista do tema, mas determina igualmente a sua forma e condiciona também o retrato do biografado.

Assim, o volume *Nos Passos de Magalhães. Uma Biografia Itinerante*, de Gonçalo Cadilhe preserva a distância histórica e descentra a História pela semantização da contemporaneidade. Além disso, joga ainda com um modelo poliperspectívico de biografia, apresentando-nos um Magalhães complexo, de dimensão inaudita, mas eminentemente terrena e contraditória. Por sua vez, o livro *Diário de Fernão de Magalhães. O homem que tudo viu e andou*, de José Manuel Núñez de la Fuente, elimina a distância histórica e concentra-se no século XVI. O seu procedimento textualiza a memória semantizando práticas culturais consagradas de representação do passado, desenha o biografado como mito, entre a realidade e a ficção, e, ao adoptar a narração autodiegética, na modalidade diarística, apresenta-nos um Magalhães coeso e uno consigo próprio – ou seja, por outras palavras, um herói tradicional.

Escritas quinhentos anos após a viagem magalhânica e pensadas como obras para o grande público, estas duas biografias *sui generis* são, portanto, muito diferentes entre si.

Desempenham, todavia, uma função idêntica como meios de preservação e divulgação da memória colectiva ocidental, pois ambas conseguem retirar do arquivo da memória a circum-navegação e o génio náutico de Fernão de Magalhães. Firmadas no cruzamento entre História e Literatura, o seu olhar até pode ser predominantemente ibérico, mas o feito de Magalhães que cada uma a seu modo traz para a consciência do século XXI é uma das realizações mais inauditas de que toda a Humanidade se pode orgulhar.

Bibliografia

- ASSMANN, Jan (1995) "Collective Memory and Cultural Identity", *New German Critique*, 65, pp. 125-133.
- (32000). *Das kulturelle Gedächtnis*, München, Beck [1992].
- AUGÉ, Marc (2012) *Não-Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa, Letra Livre.
- BAUMANN, Zygmunt (2000) *Liquid Modernity*, Cambridge, Malden, Polity Press.
- BIRCH, Dinah (ed.) (2009) *The Oxford Companion to English Literature*, Oxford, Oxford University Press. Online version, <https://www.oxfordreference.com/display/10.1093/acref/9780192806871.001.0001/acref-9780192806871> (6 de Fevereiro 2024).
- CADILHE, Gonçalo (2008) *Nos Passos de Magalhães. Uma Biografia Itinerante*, Cruz Quebrada, Oficina do Livro. (= NPM)
- CUDDON, J. A. (2013) *Dictionary of Literary Terms and Literary Theorie*, Chichester, Wiley-Blackwell.
- ERLL, Astrid (2003) *Gedächtnisromane. Literatur über den Ersten Weltkrieg als Medium englischer und deutscher Erinnerungskulturen in den 1920er Jahren*, Trier, Wissenschaftlicher Verlag.
- (2005) "Literatur als Medium des kollektiven Gedächtnis", in Astrid Erll und Ansgar Nünning, Hg., *Gedächtniskonzepte der Literaturwissenschaft. Theoretische Grundlegung und Anwendungsperspektiven*, Berlin and New York, de Gruyter, pp. 249-276.
- GIL, Maria de Fátima (2008) *Uma Biografia "Moderna" dos Anos 30. "Magellan. Der Mann und seine Tat" de Stefan Zweig*, Coimbra, MinervaCoimbra e Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos. (Coleção Minerva-CIEG, n.º 15).
- (2016) "Nos Passos de Magalhães de Gonçalo Cadilhe: viagem, evocação histórica e diálogo intercultural num tempo de globalização", *Cadernos de Literatura Comparada*, 34 - 06/2016, pp. 173-189, <https://ilc-cadernos.com/index.php/cadernos/article/view/352/370> (6 de Fevereiro 2024).
- NÚÑEZ DE LA FUENTE, José Manuel (2017) *Diario de Magallanes. El hombre que lo vio y anduvo todo*, Madrid, Doce Calles.
- (2019) *Diário de Fernão de Magalhães. O homem que tudo viu e andou*, Lisboa, Temas e Debates. (= DFM)

- NÜNNING, Ansgar (2013) "Semantisierung literarischer Formen", in Ansgar Nünning, Hg., *Metzler Lexikon Literatur- und Kulturtheorie. Ansätze. Personen. Grundbegriffe*, 5. aktualisierte und erweiterte Auflage, Stuttgart und Weimar, Metzler, pp. 684-685.
- PEDRONI, Matteo (2023) "Travel Writing", in Rita Baleiro, Giovanni Capecchi and Jordi Arcos-Pumarola, eds., *E-Dictionary of Literary Tourism*, University for Foreigners of Perugia, <https://www.unistrapg.it/it/ricerca/ricerca/dipartimenti-e-centri/centro-per-il-turismo-letterario-tule/dizionario-tule-e-dictionary-of-literary-tourism> (8 de Fevereiro 2024).
- PFISTER, Manfred (2006) "Autopsie und intertextuelle Spurensuche: Der Reisebericht und seine Vor-Schriften", in Gisela Ecker und Susanne Röhl, Hg., *In Spuren Reisen. Vor-Bilder und Vor-Schriften in der Reiseliteratur*, Berlin, Lit, pp. 11-30.
- (2016) "Postmodernizing Travel Writing", in Carl Thompson, ed., *The Routledge Companion to Travel Writing*, London and New York, Routledge, pp. 288-297.
- POPKIN, Jeremy D. (2005) *History, Historians and Autobiography*, Chicago and London, University of Chicago Press.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2007) "Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, Outubro, pp. 3-46.
- THOMPSON, Carl (2011) *Travel Writing*, London and New York, Routledge.
- (ed.) (2016) *The Routledge Companion to Travel Writing*, London and New York, Routledge.
- WEIGEL, Sigrid (2002) "Korrespondenzen und Konstellationen. Zum postalischen Prinzip biographischer Darstellungen", in Christian Klein, Hg., *Grundlagen der Biographik. Theorie und Praxis des biographischen Schreibens*, Stuttgart und Weimar, Metzler, pp. 41-54.
- WHITE, Hayden (1973) *Metahistory. The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe*, Baltimore and London, Johns Hopkins University Press.

